

ARTIGOS

LÁ ONDE ESTAVA ANTES DE SER: MARGUERITE PORETE E AS ALMAS ANIQUILADAS¹

THERE WHERE SHE WAS BEFORE TO BE: MARGUERITE PORETE AND THE ANNIHILATED SOULS

Maria Simone Marinho Nogueira²

RESUMO

Em *O espelho das almas simples*, Marguerite Porete afirma que há sete estados nobres da existência através dos quais a criatura recebe o ser, se ela se dispõe a passar por eles. Em meio a esses estados, Marguerite diz ser preciso passar por três mortes: a do pecado, a da natureza e a do espírito. Dentre estas, a morte da natureza se refere ao desprezo das riquezas, das delícias e das honras, ao mesmo tempo em que inclui o não temor da perda do que se possui. Trata-se, portanto, de uma morte importante, sobretudo na sua relação com os sete estágios direcionados à alma aniquilada. No entanto, mesmo Marguerite colocando a morte da natureza como fundamental no caminho para o aniquilamento das almas, há outra natureza que não só é louvada como também é buscada pela alma que quer aniquilar-se: a natureza divina. Esta, por sua vez, em vários passos do texto da mística francesa, se sobrepõe à religião e pode ser analisada por meio da expressão *lá onde estava antes de ser*, repetida de diferentes maneiras ao longo do texto poretiano.

Palavras-chave: Marguerite Porete. Alma. Aniquilamento.

¹ Parte deste artigo retoma, com o acréscimo de uma nova parte e com modificações, nosso texto: DEPLAGNE, L. E. de F. C.; POSSEBON, F. (Org.). *Espelho da literatura, reflexo do sagrado: reflexões filosóficas sobre a mística de Marguerite Porete*. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA PARAÍBA, 2., 2012, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012. p. 127-135.

² Doutora em Filosofia pela Universidade de Coimbra. Professora de Filosofia Medieval na Universidade Estadual da Paraíba. Professora colaboradora do Mestrado em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. *E-mail*: mar.simonem@gmail.com

ABSTRACT

Marguerite Porete wrote in *The mirror of simple souls* that there is seven noble stages of existence in which the creature, by agreeing to them, gets the being. She claims it necessary to soul immersed in noble stages go through three deaths: the sin, the nature and the spirit. The death of nature signify disdain of riches, of delights and of the honors, but simultaneously includes the fearlessness of the loss. It is a death important, notably in her connexion with the seven stages targeted at annihilated soul. However, even Marguerite deeming the death of nature essential to reach the annihilation of souls, another nature exist and is designated divine nature, she is praised and called by the soul that want the annihilation. This, in turn, in several excerpts of the text of the french mystic, it overlaps to the religion and can be analyzed by the expression there where she was before to be, because is repeated in different ways throughout the text of Marguerite Porete.

Keywords: Marguerite Porete. Soul. Annihilation.

INTRODUÇÃO

Em 1 de junho de 1310, na praça de Grève em Paris, ardem as chamas da fogueira que queimam um corpo de mulher. Trata-se da figura de Marguerite Porete, que acreditava ter uma tarefa (da qual não abriu mão, apesar do peso) demasiado dolorosa, do braço secular que “prestava serviço” àquela que Marguerite, várias vezes em seu livro, chama de **Santa Igreja, a Pequena**³. A referência à fogueira e ao processo inquisitório se faz importante porque as poucas informações que temos da autora de *O espelho* nos vêm dos autos desse processo e de algumas crônicas que o relatam. É, por exemplo, por meio deles que tomamos conhecimento do seu nome – *certa beguina chamada Marguerite Porete* – e conhecemos um pouco mais os detalhes da condenação, como podemos ler no processo inquisitório:

[...] Sabe-se muito bem e tem ficado muito claro para nós, através de uma esclarecedora argumentação, [...] que tu, Marguerite de Hainaut, chamada a Porete, és fortemente suspeita de depravação herética. [...] por causa de tua notória contumácia e rebeldia é que [...] pronunciamos uma sentença de extrema excomunhão tanto para ti, como uma pessoa rebelde e obstinada, quanto para teus escritos. [...] nós te condenamos, Marguerite, não apenas como uma herética, mas também como uma herética relapsa. [...] Nós finalmente te condenamos e desejamos que sejas excomungada e queimada [...] (ALMEIDA, 2011, *passim*)⁴.

³ Marguerite faz uma diferença entre o que ela chama de **Santa Igreja, a Pequena** (entendida enquanto instituição religiosa) e **Santa Igreja, a Grande** (entendida como a força espiritual composta pelas almas aniquiladas): “Daí o auxílio fundamental exercido pela **Santa Igreja, a Grande**, que é constituída pelas almas animadas e preenchidas pelo Amor: as almas aniquiladas. É essa Igreja que sustenta a fé da Santa Igreja, a Pequena [...]” (TEIXEIRA, 2008, p. 26).

⁴ O estudioso Raoul Vaneigem (1993, p. 129) coloca a hipótese de Marguerite Porete ter escrito outro livro intitulado *L'Être de l'affinée amour*. Esta ideia justifica, de alguma forma, o fato de a nossa mística ser chamada de **herética relapsa** nos autos da sua condenação, ou seja, alguém que reincide na “sua heresia”. Devemos esta informação a nossa co-orientanda Amanda Pontes que, no momento, desenvolve uma dissertação de Mestrado no pensamento de Marguerite Porete.

O que ela disse para sofrer tal condenação encontra-se no seu livro *O espelho das almas simples*⁵, muito embora, no decorrer do processo, o que se fez foi julgar frases isoladas, dissociadas do seu contexto, que por fim foram julgadas como heréticas (15 proposições) por uma comissão composta por 21 teólogos, dentre eles alguns representantes das ordens mendicantes⁶. Acrescente-se a isso o silêncio da autora do livro durante todo o tempo em que esteve presa e o fato de escrever sua obra em língua vernácula [médio-francês (picardo)], o que a tornou, assim, acessível ao público leigo, o que fazia do seu texto, do ponto de vista da ortodoxia da igreja, perigoso, já que ali, ao pregar a sua ideia de liberdade, a autora afirma que a alma totalmente livre não se submete a nada, como podemos ler no seguinte excerto:

[...] A herança desta Alma é a perfeita liberdade, cada uma de suas partes tem o brasão de nobreza. Ela não responde a ninguém a menos que queira, se ele não é de sua linhagem; pois um nobre não se digna a responder a um vilão que o chama ou o convida ao campo de batalha. Portanto, quem chama uma tal alma não a encontra; seus inimigos não conseguem dela nenhuma resposta (PORETE, 2008, p. 148)⁷.

⁵ O título completo do livro de Marguerite em português é: *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor*, doravante referenciado por nós apenas por *O espelho das almas simples* ou *O espelho*. O título completo em francês é: *Le mirouer des simples ames anienties et qui seulement demourent em vouloir et desir d'amour*.

⁶ Tais Ordens foram responsáveis pelas orientações espirituais, por exemplo, das beguinias (feitas pelos dominicanos) e dos begardos (feitas pelos franciscanos). No Concílio de Viena (1311-1312) foram condenados alguns erros das beguinias e dos begardos e o processo contra Marguerite foi amplamente utilizado. Mais informações sobre este tema podem ser encontradas em Guarnieri (2004).

⁷ “Ceste Ame a son lot de franchise affinee, checun costé en a as plaine pinte. Elle ne respont a nully se elle ne veult, se il n'est de son lignage; car ung gentilhomme ne daigneroit respondre a ung vilain, se il l'appelloit ou requeroit de champ de bataille; et pource ne trouve telle Ame qui l'appelle: ses ennemis n'ont plus d'elle response” (PORETE, 1986, p. 127-128). Embora estejamos utilizando a tradução em língua portuguesa de Silvia Schwartz (2008), sempre que a citarmos, citaremos também o original francês, editado por Romana Guarnieri e Paul Verdeyen (1986), nas notas de rodapé. Isso visa oferecer ao público mais especializado o acesso ao texto original e sua comparação com a tradução existente no nosso vernáculo.

É fato que neste e em outros passos do texto, Marguerite deixa explícita a questão da liberdade que desenvolve ao longo do seu livro e que tem relação direta com o tema da aniquilação. Entretanto, nessa e em outras passagens há acenos implícitos da pessoa Marguerite (mais do que da autora) sobre a repercussão que poderia ter o seu livro, se levarmos em conta que ele foi escrito, provavelmente, em meados de 1290 e vai sofrer um primeiro processo entre esta data e 1306, pelo bispo de Cambrai, que proíbe a pregação de Porete e a divulgação da sua obra. Nossa mística não só não se cala como continua divulgando o seu livro, enviando-o inclusive para a avaliação de três teólogos que o aprovam com ressalvas⁸. Mediante tal atitude, ela sofre um segundo processo e é conduzida a Paris, onde fica presa por quase um ano e meio, e, diante do seu silêncio, é julgada como herética e condenada à morte na fogueira da Inquisição, juntamente com o seu livro (que também é queimado)⁹.

Mas do que trata *O espelho das almas simples* e que tarefa pensa ter Marguerite, que dele “não abre mão”, apesar das insistentes solicitações das autoridades eclesiásticas? Para responder a estas perguntas é necessário situarmos a nossa pensadora no seu tempo. Ela é apresentada por alguns estudiosos como sendo uma beguina¹⁰.

⁸ São eles, conforme Teixeira (2008, p. 19), Goffredo da Fontaines, da Faculdade Teológica da Sorbonne; um cisterciense da abadia brabantina de Villiers, chamado Franco, e um franciscano inglês, John di Querayn. A própria Marguerite cita essas três autoridades no seu livro, no capítulo 140 (*A aprovação*), que vem acrescentado da seguinte nota da tradutora: “A aprovação foi preservada no latim e no inglês médio e acrescentada pelos editores da edição crítica como o capítulo final” (SCHWARTZ, 2008, p. 229, nota 29).

⁹ “Segundo a posição do grande inquisidor, todos aqueles que tivessem o livro condenado tinham a obrigação de entregá-lo às autoridades competentes no prazo de um mês, sob pena de excomunhão.” (TEIXEIRA, 2008, p. 21).

¹⁰ “Marguerite Porete foi uma beguina, e teria pertencido, segundo consta, ao Movimento Beguinal, um movimento que se desenvolveu como alternativa de vida religiosa leiga na Renânia e Países Baixos. As beguinagens começam a aparecer no final do século XII. São formadas por pequenas casas agrupadas. Constituem-se comunidades com promessa (e não voto) de pobreza, obediência e castidade, inseridas num contexto social urbano. Nessas comunidades, as mulheres vivem do próprio trabalho: tecelagem, bordado, costura, ensinamento de crianças e serviço de damas idosas. O Movimento Beguinal está inserido no movimento de renovação da vida religiosa que, a partir do século X, se espalha por todos os países da Europa Ocidental. No entanto, é um movimento que permanece marginal, fora do controle institucional, pois não obedecia a uma regra aprovada.” (MARIANI, 2003, p. 59).

Ela própria, num dado passo do seu livro, se autodenomina mendicante e se dirige às beguinas e a outros religiosos:

Amigos, o que dirão as beguinas,/ E a gente da
religião,/ Quando ouvirem a excelência/ De vossa
divina canção?/ As beguinas dirão que eu erro,/ Padres,
clérigos e pregadores,/ Agostinianos, e carmelitas,/ E os
freis menores,/ Porque escrevi sobre o estado/ Do amor
purificado (PORETE, 2008, p. 201-202)¹¹.

Mesmo assim, algumas fontes não estão de acordo sobre isso, apesar de Marguerite ter assumido um modo de vida que condiz, em alguns aspectos, com tal classe¹². De qualquer forma, apesar dos poucos dados da vida de Marguerite, *O espelho das almas simples* denuncia, de algum modo, que ela era não só letrada, como também uma mulher culta.

Ou, ainda como escreve uma outra estudiosa: “Referia-se a si mesma como uma *mendiant creature*, e era chamada de *béguine* por tantas fontes independentes, que essa designação pode ser considerada como certa. Tudo indica que Porete tenha levado um estilo de vida *béguine*, de mendicância e errância. Ela estava imersa na cultura e espiritualidade europeia cristã do final da Idade Média, uma mulher – ou *pseudomulier* – como queriam seus inquisidores – à margem da vida religiosa institucional e, por sua condição feminina, também excluída dos estudos formais, embora suponha-se que tivesse alto nível de educação, o que sugere que pertencia às altas classes.” (SCHWARTZ, 2011, p. 63).

¹¹ “Amis, que diron beguines,/ et gens de religion,/ Quant ilz orron l’excellence/de vostre divine chançon?/ Beguines dien que je erre,/ prestres, clers et prescheurs,/ Augustins, et carmes,/ et les freres mineurs,/ Pource que j’escri de l’estre/de l’affinee Amour.” (PORETE, 1986, p. 179).

Ao comentar tal passagem, Cirlot e Garí (1999, p. 231) explicam que não é impossível que com o nome de beguinas Marguerite se refira a um grupo bem concreto delas; talvez, inclusive, refira-se a suas antigas companheiras de Santa Isabel. De toda forma, acrescentam: “[...] formado o no entre ellas, todo parece indicar que en su madurez Margarita no pertenece a ningún grupo de mujeres religiosas viviendo en una comunidad más o menos institucionalizada, sino a esas otras beguinas «independientes», viviendo solas a lo sumo con una o dos mujeres más, construyendo de forma autónoma su vida y también su obra”.

¹² Alguns desses aspectos podem ser conferidos em Cirlot e Garí (1999, p. 231): “¿Era entonces una mendicante, como se llama a sí misma en outro momento del *Espejo*? ¿Andaba vagando por los caminos en un signo de pobreza voluntaria siguiendo el modo de vida de aquellos y aquellas a los que la época dio el nombre de «giróvagos»? Algo puede haber de eso, pero en todo caso no estamos ante una indigente: el número de libros que parecen circular de su obra a principios del siglo XIV [...] hablan no sólo de una mujer culta sino también capaz de sufragar el altísimo coste que suponía la elaboración de manuscritos”.

Ela é não só a autora, mas também a escritora da sua obra e nela há uma tripla influência: a da literatura profana, a religiosa e a filosófica. Assim, encontramos no seu texto referências advindas desde os trovadores medievais, destacando-se aí a ideia do amor cortês, da mística do pseudo-Dionísio, como a linguagem apofática, até as referências às Sagradas Escrituras.

É, portanto, em meio ao cruzamento destas influências que se destaca o tema central de *O espelho*: uma longa reflexão que deve conduzir as almas, que são capazes de mergulhar no abismo do mistério, ao aniquilamento de si e à posse de Deus, que se estabelece no nada da alma inundada de amor. E Marguerite sabe que nem todos entenderão o conteúdo do seu livro. Por isso, já no *Prólogo*, chama a atenção dos seus leitores/ouvintes para que todos ouçam com “aplicação do vosso entendimento interior sutil e com grande diligência”, senão não entenderão o que está sendo dito. Logo, a tarefa que Marguerite pensa ter significa mais do que pôr em prática certa teoria mística; sua tarefa consiste, também, na divulgação desta experiência a todos que sejam capazes de vivê-la. Deste modo, Guardieri não exagera quando afirma que *O espelho*, sob a forma de um tratado didático, revela, implicitamente, uma autobiografia mística (Cf. GUARNIERI, 2004, p. 265).

Neste sentido, não é ao acaso que logo na abertura do livro, antes do *Prólogo*, Marguerite advirta os leitores, ao mesmo tempo em que expõe a importância do Amor e da Fé em contraposição à Razão:

Vós que este livro lereis,/ Se bem o quiserdes
entender,/ Pensai no que vos direi,/ Pois ele é difícil
de compreender;/ À humildade, que da Ciência é a
guardiã/ E das outras virtudes amai,/ Deveis vos
render./ Teólogos e outros clérigos,/ Aqui não tereis
o entendimento/ Ainda que tenhais as ideias claras/
Se não procederdes humildemente;/ E que Amor e Fé
conjuntamente/ Vos façam suplantar a Razão,/ Pois
são as damas da mansão (PORETE, 2008, s/p)¹³.

¹³ “Vous que em ce livre lirez,/ Se bien le voulez entendre/Pensez ad ce que vous direz./Car is est fort a comprendre;/Humilité vous fault prende/Qui de Science est tresoriere/Et des aultres Vertuz la mere,//Theoligiens ne aultres clers./Point n'em aurez l'entendement;/Tant aiez les engins clers/Se n'y procedez humblement/Et que Amour et Foy ensement/Vous facent surmonter Raison,/Qui dames sont de la maison.” (PORETE, 1996, p. 8).

Já nesta abertura, Porete não só esclarece que o seu livro é de difícil compreensão, como também indica a importância da humildade para o entendimento do que vai ser “dito”, tanto que esta é colocada como a guardiã do saber (da ciência). Além disso, e já antecipando (de alguma forma), perante os problemas que terá com as autoridades eclesiásticas, a autora/escritora adverte os teólogos e outros clérigos de que, por mais que estes tenham as ideias claras, se não tiverem humildade, ou seja, se não forem capazes de ultrapassar a razão, nada entenderão. Ao destacar a força do amor e da fé como aquelas que conduzirão, humildemente, as almas ao aniquilamento, diz, de alguma forma, que o livro trata de uma gradação pela qual passarão as almas para sua total libertação e fusão com o divino.

Neste caminho ascendente, Marguerite divide o seu livro em 140 capítulos precedidos por uma espécie de canção de abertura, seguida de um prólogo, sendo encerrada por uma *aprobatio*. Ao longo do texto, a autora demonstra toda a sua cultura letrada, mesclando, em termos de estilo, a prosa e o verso e, em termos de conteúdo, seus conhecimentos sobre o amor cortês, que encontramos, por exemplo, no *Romance de Alexandre* e no *Romance da rosa*; a literatura religiosa, como o *Speculum virginum*; e a literatura filosófica, como o neoplatonismo (sobretudo do pseudo-Dionísio), Gregório de Nisa, Agostinho e a mística cisterciense. Neste caminho, sete graus se configuram antes de se alcançar o estado perfeito e três personagens se destacam.

1 AS PERSONAGENS E SUAS REPRESENTAÇÕES

O espelho das almas simples possui uma estrutura dialógica, cujos personagens principais são a Dama Amor, a Razão e a Alma. Esta última, na segunda metade do livro, assume, se assim podemos dizer, a identidade de Marguerite, posto que narra, numa espécie de monólogo, a própria experiência da autora. De uma forma geral, podemos dizer que a Dama Amor representa Deus; a Razão, a Igreja; e a Alma, o ser humano. Destas expressões, por sua vez, emergem outras representações, sendo cada personagem, também, um modo próprio de pensar, que encontra o seu antagonismo mais forte no embate entre o

Amor e a Razão. Assim, por exemplo, fica claro ao longo do livro o que pertence ao âmbito do Amor e o que pertence ao âmbito da Razão, como podemos ver no quadro a seguir:

Dama Amor	Razão
Deidade	Deus (representação)
Natureza divina	Natureza humana
Aniquilação	Vontade
Humildade	Soberba
Nada querer, nada saber, nada ter	Querer, saber, ter
Santa Igreja, a Grande	Santa Igreja, a Pequena

Fiquemos, inicialmente, com a distinção que Marguerite faz entre a Igreja grande e a pequena. No capítulo 19, a personagem Amor afirma: “Na verdade, Santa Igreja, **a pequena**, diz Amor; essa é a **Igreja que é governada pela razão**, e não pela Santa Igreja, **a grande**, diz Amor Divino, **que é governada por nós**” (PORETE, 2008, p. 62, grifo nosso)¹⁴. O modo próprio de pensar, portanto, da Santa Igreja, a pequena (entendida por Marguerite enquanto instituição religiosa) é o modo racional. É ele que conduz a Igreja pequena; ao contrário da Santa Igreja, a grande (entendida por Marguerite como a força espiritual composta pelas almas aniquiladas), que é movida pelo modo próprio do Amor, que não deseja “nem missas nem sermões, nem jejuns e nem orações”.

Mas a pensadora francesa não se limita a diferenciar as duas Igrejas, pois afirma mesmo que a Igreja formada pelas almas aniquiladas é a que deve sustentar e guiar a pequena, isto é, a Igreja/Instituição/Razão. Desse modo, lemos no capítulo 43 de *O Espelho*:

Amor: É verdade, ó Santa Igreja [Pequena], que estais abaixo desta Santa Igreja [Grande]!. Pois tais Almas [aniquiladas] são propriamente chamadas de Santa Igreja [Grande] porque sustentam, ensinam e nutrem toda a Santa Igreja [Pequena]. [...] Ó Santa Igreja [Pequena] que estais abaixo desta Santa Igreja [Grande], agora dizei, diz Amor, que quereis

¹⁴ “Voyre, Sainte Eglise la Petite, I dit Amour; celle Eglise qui est governee de Raison; et non mie Sainte eglise la Grant, dit Divine Amour, qui est governee par nous.” (PORETE, 1986, p. 74).

dizer sobre essas Almas, que são assim recomendadas e louvadas para além de vós, vós que fazeis tudo de acordo com os conselhos da Razão? (PORETE, 2008, p. 91)¹⁵.

E a Igreja/Instituição responde: “Santa Igreja: - Queremos dizer, [...] que tais Almas estão numa vida acima de nós, pois o Amor nelas permanece e a Razão permanece em nós [...]” (PORETE, 2008, p. 91-92)¹⁶. Na sequência do texto, a personagem Amor diz que a Razão tem a visão de um só olho, e isto acontece a ela e a todos que são nutridos na sua doutrina, ou seja, enxerga-se as coisas diante dos olhos, mas sem compreendê-las. Como diz nossa pensadora, são pessoas com boca sem palavras, olhos sem claridade, ouvidos sem audição, razão sem razão, corpos sem vida e coração sem entendimento. Isso tem a ver com a crítica que Marguerite faz ao modo de raciocínio da Razão, por extensão da Igreja, a pequena, que, conforme Teixeira (2008, p. 26), enquanto instituição definida e delimitada, não alcança o mistério das almas aniquiladas, não captando, assim, a medula que habita o fundo da alma, pois ali nada determinado pode entrar. Tal crítica pode ser vista também por termos como **entediante**, **rude**, **lesma** e **asno**, os quais se referem a um modo de pensar estreito, limitado e finito e à própria dificuldade que a Razão tem para compreender o livro escrito por Amor. Vejamos alguns exemplos através do diálogo da Alma com a Razão:

Alma: - [...] Vossas perguntas o fizeram [o livro] longo em virtude das respostas que vos eram necessárias, para vós e para aqueles que haveis nutrido que se movem no ritmo da lesma. Haveis revelado esse livro para aqueles de vossa espécie, que se movem no ritmo da lesma (PORETE, 2008, p. 105)¹⁷.

¹⁵ “Amour: - Voire, Sainte Eglise, dit Amour, dessoubz ceste Sainte Eglise! Car telles Ames, dit Amour, sont proprement appellees Sainte Eglise, car elles soutiennent et enseignent et nourrissent toute Sainte Eglise; [...] O Sainte Eglise dessoubz ceste Sainte Eglise, or dictes, dit Amour, que voulez vous dire de cestes Ames, qui sont ainsi commandees et louees dessus vous, qui usez du tout par le conseil de Rasoin?” (PORETE, 1986, p. 132).

¹⁶ “Sainte Eglise: – Nous voulons dire, [...] que telles Ames sont em vie dessus nous, car Amour demoure em elles et Raison demoure em nous; [...]”(PORETE, 1986, p. 132).

¹⁷ “L’Ame: - “[...] voz demandes l’ont fait long pour les responcez dont vous avez

Alma: - Ah, Razão, diz a Alma, quão entediante sois, e como têm dor e sofrimento aqueles que vivem sob o vosso conselho (PORETE, 2008, p. 82)¹⁸.

Alma: - Ó gente tão pequena, rude e inconveniente, diz ela.

Razão: - De quem falais? Diz Razão.

Alma: - A todos os que vivem de vosso conselho, diz ela, que são tamanhas bestas e asnos que, por sua grosseria me fazem dissimular e não falar minha linguagem para que não encontrem a morte no estado da vida, onde estou em paz sem de lá me mover (PORETE, 2008, p. 82, p. 123)¹⁹.

E prossegue quando a Razão pergunta à Alma onde encontrar o caminho correto e ela responde:

E eu vos digo, somente nele que é tão forte que não pode morrer jamais, sobre quem a doutrina não está escrita, nem pelas obras exemplares, nem pela doutrina dos homens, pois ao seu dom não se pode dar forma. Ele sabe, sem começo, que acreditei nele sem provas. Há maior vilania do que querer provas no amor? (PORETE, 2008, p. 125)²⁰.

besoing, pour vous et pour ceulx que vous avez nourriz, qui vont le cours du lymaçon. Vous l'avez ouvert a ceulx de vostre mesgnee, que vont le cours du lymaçon.” (PORETE, 1986, p.156).

¹⁸ “L’Ame: - Hee, Raison, dit l’Alme, comme vous estes ennuyeuse, et que ceulx ont de mal et de paine, qui vivente de vostre conseil!” (PORETE, 1986, p. 114).

¹⁹ “L’Ame: – O tres petite gent et rude et mal convenable, dit elle.

Raison: – A qui parlez vous? dit Raison.

L’Alme: – A tous ceuls, dit elle, qui de vostre conseil vivent, qui sont si bestes et si asnes que il m’esconvient pour la rudesse d’eulx celer et non parler mon langage, ad ce qu’ilz ne pregnent mort em l’estre de vie, la ou je suis em paix, sans de la me mouvoir.” (PORETE, 1986, p. 192).

²⁰ “Et je vous nous demandez ou nous nous radressons? Et je vous di, que a celluy seul, dit ceste Ame, qui est si fort qu’il ne peut jamais mourir, duquel la doctrine n’est mie escripte ne par oeuvres d’exemples ne par doctrine de hommes, car le don de luy ne peut on donner fourme. Il scet, tout sans commencement, que je le croioye bien sans tesmoing.Est il, dit l’Ame, I plus grant villenie que vouloir tesmoing em amour?” (PORETE, 1986, p. 194).

E a Razão ainda pergunta: “Por que chamastes os que educamos de bestas e asnos?” (PORETE, 2008, p. 125). Ao que a Alma responde: “Essa gente, a quem chamo asnos, busca Deus em monastérios para rezar, no paraíso criado, nas palavras dos homens e nas Escrituras. [...] Insiste que Deus esteja sujeito aos sacramentos e obras deles!” (PORETE, 2008, p. 125)²¹. Continua sua crítica direta ao modo racional de pensar Deus, que representa, também, o modo da Igreja (Pequena) e das suas hierarquias, quando a Alma afirma incisivamente:

Ai deles! Eles têm o mal, o que é uma pena. E ainda o terão, diz essa Alma, enquanto mantiverem em prática tais costumes! Mas aqueles que adoram Deus não apenas nos templos e monastérios, mas que o adoram em todos os lugares por meio da união com a vontade divina, esses têm tempos bons e proveitosos (PORETE, 2008, p. 125)²².

Logo depois desse passo, a Razão pergunta à Alma onde ela encontra Deus e ela responde que O “encontra em todos os lugares”, demarcando uma diferença importante entre o modo de raciocínio da Razão, representada pela Igreja, a pequena, e o modo de raciocínio do Amor, representado pela Igreja, a grande, ou seja, pelas almas aniquiladas. Estas, assim como Amor, se colocam na posição de acolhidas, isto é, ao se aniquilarem tudo acolhem ou, como afirma de forma tão bela Teixeira (2008, p. 28), “não há lugar desabitado pela presença do Amor”. No entanto, a Razão, limitada na procura de Deus nos templos e monastérios, não consegue entender “esses todos os lugares” que, de fato, não são lugar algum, pois não há limites nem intermediários.

²¹ “L’Alme: – Telz gens, dit ceste Ame, que je appelle asnes, quierent Dieu es creatures, es monstiers par aourer, en paradis creez, en paroles d’ommes, et es escriptures. [...] tiennent que Dieu soit subject a ses sacramens et a ses oeuvres” (PORETE, 1986, p. 195-196).

²² “Helas! que ilz ont de mauix dont c’est pitié, et auront encore, dit ceste Ame, tant comme ilz auront telle coustume em usage! Mais ceulx ont bom temps et prouffitable, qui ne aourent mie seulement Dieu es temples ne es monstiers, mais l’aourent em tous lieux, par union de divine voulenté.” (PORETE, 1986, p. 196).

O embate entre o Amor e a Razão chega a tal ponto que numa certa altura do texto, no capítulo 87, a personagem Razão morre. Quando o Amor diz que a Alma livre é a senhora das virtudes, filha da deidade, irmã da sabedoria e esposa do amor, a Razão não resiste e é ferida de morte. Esta morte, por sua vez, reflete no capítulo 134, quando a Alma, finalmente livre da Razão, não precisa mais ter a Igreja/instituição/religião como guia. Assim se expressa o Amor para esta: “– Tal Alma, diz Amor, está no estado de máxima perfeição, e mais próxima do Longeperto, quando **não toma mais a Santa Igreja como exemplo em sua vida**” (PORETE, 2008, p. 223, grifo nosso)²³. E continua, contrapondo também amor/temor, liberdade/obediência, sem porquê/porquê. Vejamos:

Ela [Alma] está tão distante das obras das Virtudes que não poderia entender a linguagem delas. Mas as obras das Virtudes estão encerradas dentro de tal Alma, a quem obedecem sem contradizê-la e, por tal clausura, a Santa Igreja [a pequena] louva singularmente o Temor a Deus, pois o Temor a Deus é um dos dons do Espírito Santo. Contudo, o Temor a Deus destruiria o estado de liberdade, se pudesse penetrar em tal estado. Mas a liberdade perfeita não tem nenhum porquê (PORETE, 2008, p. 223-224)²⁴.

O nenhum porquê tem a ver com os graus que devem culminar **lá onde a alma estava antes de ser**, ou seja, é preciso passar pela morte da natureza e viver a vida do espírito, mas é preciso também matar a vida do espírito para viver a vida divina. Passemos, então, aos graus e ao estado de total aniquilamento em que a Alma se torna Deus por condição do Amor.

²³ - Telle Ame, dit Amour, est en la plus grant perfection de l'estre, et plus pres du Loingprés, quant Sainte Eglise ne prent point d'exemple en as vie.” (PORETE, 1986, p. 394).

²⁴ “Elle est si loing de l'oeuvre des Vertuz, qu'elle ne pourroit ententre leur langage. Mais les oeuvres des Vertuz sont toutes dedans telles Ame encloses, qui obeysent sans contredit a elle, et pour telle closture ne la scet Sainte Eglise cognoistre; laquelle Sainte Eglise loue singulierement Crainte de Dieu; car la sainte Crainte de Dieu est ung des dons du Saint Esperit. Et non pourtant destruiroit Crainte de Dieu l'estre de franchise, se elle se povoit en tel estre embastre; mais parfaicte franchise n'a nul pourquoy.” (PORETE, 1986, p. 394).

2 LÁ ONDE ESTAVA ANTES DE SER

O espelho descreve sete graus que devem levar as almas a um experienciar do divino. Já no Prólogo, por exemplo, nossa pensadora afirma que “há sete estados nobres de existência por meio dos quais a criatura recebe o ser, se ela se dispõe a passar por eles antes de alcançar o estado perfeito” (PORETE, 2008, p. 32)²⁵. Tais degraus vão sendo denunciados ao longo do texto poretiano, mas é no capítulo 118, através da personagem Alma, que estes estados são descritos de forma mais rigorosa. Deste modo, vejamos como a própria Marguerite apresenta estes estágios:

O **primeiro** estado [...] é aquele no qual a Alma [...] tem a intenção de observar em sua vida [...] os mandamentos de Deus, por Ele ordenados na lei [...]. O **segundo** estado [...] é aquele no qual a Alma considera o que Deus aconselha a seus amados especiais e que vai mais além do que aquilo que ordena [...]. O **terceiro** estado é aquele no qual a Alma se considera no sentimento do amor da obra de perfeição, no qual seu espírito decide [...] multiplicar nela tais obras [...]. O **quarto** estado é aquele no qual a Alma é absorvida pela elevação do amor nas delícias do pensamento na meditação e abandona todos os trabalhos externos e a obediência a qualquer outro pela elevação da contemplação [...]. O **quinto** estado é aquele no qual a Alma considera que Deus é, Ele por meio de quem todas as coisas são, e ela não é, se não é onde todas as coisas são. O **sexto** estado é aquele no qual a Alma não se vê mais, qualquer que seja o abismo de humildade que tenha em si; nem vê Deus, qualquer que seja a altíssima bondade que Ele tenha [...]. Quanto ao **sétimo** estado, Amor guarda em si para nos dar na glória eterna, e dele não teremos compreensão até que nossa alma tenha deixado nosso corpo (PORETE, 2008, *passim*, grifos nossos).²⁶

²⁵ “Ils sont sept estres de noble estre, desquieulx creature reçoit estre, se elle se dispouse a tous estre, ains qu’elle viengne a parfait estre; [...]” (PORETE, 1986, p. 14).

²⁶ “Le **premier** estat, [...] est que l’Ame, [...] a entencion de garder sur sa vie, [...] les commandemens de Dieu, qu’il commande em la Loy. [...] Le **second** estat, [...]

Como podemos perceber, cada grau ou estado corresponde a um exercício de despojamento que deve culminar na aniquilação da alma. Deste modo, no primeiro estado, a Alma, observadora dos mandamentos de Deus, ama-o com todo seu coração e também ao próximo como a si mesma. No segundo, a Alma vai além daquilo que é ordenado por Deus e, assim, abandona e despreza as riquezas, as honras e as delícias. No terceiro grau, a vontade da Alma só ama as obras da bondade e por isso as coloca em primeiro lugar. No quarto estágio, a Alma está ofuscada pelas delícias do Amor e só consegue vê-lo. No quinto degrau, a Alma se vê e compreende a bondade divina. No sexto, por sua vez, a Alma não mais se vê e no sétimo e último, como podemos ler no excerto supracitado, nada podemos dizer, pois só acontece na vida eterna. Nesta direção, percebemos que no sexto grau, o mais elevado que o homem pode ter em vida, a Alma não se vê mais, o que parece contraditório com a imagem do espelho, já que o sentido de tal imagem remete, necessariamente, à visão.

Ora, na continuação do que foi citado em relação ao sexto grau, diz a Alma, ainda no capítulo 118, depois de afirmar que esta não vê mais nada: “Mas Deus se vê nela por sua majestade divina, que, por si, clarifica essa Alma de tal forma que ela não vê nada que não seja Deus mesmo, Aquele que é, no qual todas as coisas são” (PORETE, 2008, p. 194)²⁷. Neste estado, continua o texto: “a alma está liberada de todas as coisas, pura e clarificada” (PORETE, 2008, p. 194)²⁸. Em primeiro lugar, podemos

est que l’Ame regarde que Dieu conseille a ses espiciaulx, oultre ce qu’il commande; [...] Le **tiers** estat est que l’Ame se regarde en affection d’amour de oeuvre de perfection, dont son esperit trenche [...] multiplier en elle Telles oeuvres; [...] Le **quart** estat est que l’Ame est tiree par haultesse d’amour en dilit de pensee par meditacion, et relenquie de tous labours de dehors et de obedience d’aultruy par haultesse de contemplacion; [...] Le **quint** estat est que l’Ame regarde que Dieu est, qui est dont toute chose est, et elle n’est mie, si n’est dont toute chose est. [...] Le **siziesme** estat, que l’Ame ne se voit point, pour quelconque abysme d’umilité que elle ait em elle; ne Dieu, pour quelconque haultiesme bonté qu’il ait. [...] Et Le **septiesme** garde Amour dedans elle, pour nous donner em parmanable gloire, duquel nous n’aurons cognoissance jusques ad ce que nostre ame ait nostre corps laissé.” (PORETE, 1986, *passim*, grifos nossos).

²⁷ “Mais Dieu se voit em elle de as majesté divine, que clarifie de luy ceste Ame, si que elle ne voit que nul soit, fors Dieu mesmes, qui est, dont toute chose est [...]” (PORETE, 1986, p. 330).

²⁸ “Et adonc est l’Ame ou siziesme estat de toutes choses enfranchie et pure et clariffiee.” (PORETE, 1986, p. 330).

perguntar: O que significa dizer que a Alma não vê a si mesma, mas Deus se vê nela? Em segundo lugar, podemos perguntar: Por que a alma, livre de todas as coisas, é pura e clarificada? Começemos pela segunda questão e tentemos relacioná-la à imagem do espelho ou do que pode significar tal imagem.

Uma alma pura significa uma alma pautada na humildade e, portanto, livre de todas as coisas que a ligam ao mundo exterior e também interior, já que no sexto grau a alma se encontra despojada da sua própria vontade. Para chegar a este despojamento, o estágio anterior (o quinto) se mostra importante, pois, como nos esclarece Marguerite, falando através da Alma, ainda que haja certa compreensão divina neste estado, já não há, como no sexto, vontade alguma:

Ela não se preocupa mais com a guerra da natureza, pois sua vontade foi, com despojamento, recolocada no lugar de onde foi tomada, onde por direito ela deve estar. Agora essa Alma é nada, pois vê seu nada por meio da abundância da compreensão divina, que a faz nada e a coloca no nada. E assim ela é tudo [...] (PORETE, 2008, p. 192)²⁹.

Ora, ser nada é condição para o aniquilamento da alma, que só se torna realmente aniquilada quando chega ao sexto grau, pois no quinto ela ainda está na abundância da compreensão divina, como já foi demonstrado. No sexto estágio, por sua vez, por maior que seja o abismo da humildade que tenha em si e por maior que seja a bondade de Deus, a alma não possui mais nenhum tipo de compreensão – aí, sim, ela se encontra no puro nada. Nesta pureza e clarificação, ou seja, sem nenhum empecilho, a alma se torna espelho, isto é, superfície limpa e lisa capaz de refletir o que tem diante de si: o divino.

Neste reflexo do divino, a alma nadificada se encontra, por um momento, no mais alto estágio que pode alcançar em vida: o experienciar

²⁹ “Et pource n’a elle plus garde de guerre de nature; car le vouloir d’elle est nument remis ou lieu, la ou il fut prins, et la ou Il doit par droit estre; [...] Or est telle Ame nulle, car elle voit par habondance de divine cognoissance son nient, qui la fait nulle, et mettre a nient. Et si est toute, [...]” (PORETE, 1986, p. 326).

do **longeperto**, que é descrito em *O espelho* como superabundante e arrebatador e é chamado de centelha pela forma de abertura e rápido fechamento. Neste ponto, a vontade do eu é “transformada” na vontade divina e o ser da alma é substituído pelo ser simples. Aí, como nos diz o texto poretiano: “mais alto ninguém pode ir, nem mais profundamente descer, nem mais desnudo pode estar” (PORETE, 2008, p. 227)³⁰. Em meio a este desnudamento, que é uma imagem sem imagem, como pode Deus se ver na alma transformada em espelho, se nem ela própria se vê? Uma passagem de *O espelho* pode nos ajudar a responder esta questão. Refere-se ela à Alma aniquilada:

Tudo para ela é uma única coisa, sem um porquê, e ela é nada no uno. Agora ela não tem mais nada a fazer por Deus, nem Deus por ela. Por quê? Porque Ele é e ela não é. Ela não retém mais nada em si, no seu próprio nada, pois isso lhe basta, ou seja, Ele é e ela não é. Portanto, ela está despojada de todas as coisas, pois está sem ser, lá onde estava antes de ser. Assim ela tem de Deus o que Ele tem e é o que Deus mesmo é, por meio da transformação do amor, no ponto que estava antes de fluir da bondade de Deus (PORETE, 2008, p. 225)³¹.

A alma não se vê porque ela própria se tornou espelho cristalino e, como espelho, reflete Deus. No entanto, mesmo afirmando que Deus se vê por si nela, para ela e sem ela, Alma e Deus, na verdade, tornaram-se espelhos um do outro; se a alma pudesse se ver, se veria como Deus, assim como Deus se vê nela. Ela e Deus se tornaram um só: espelho cristalino e uno.

³⁰ “plus hault ne peut nul aler, ne plus parfont analer, ne plus nulz homs estre” (PORETE, 1986, p. 402).

³¹ “Totum est sibi unum sine propter quid, et est nulla in tali uno. Tunc nichil habet plus facere de Deo quam Deus de ea. Quare? Quia Ipse est et ipsa non est. Ipsa nichil plus retinuit in nichilo sui ipsius, quia istud est sibi satis, scilicet quod Ipse est et ipsa non est. Tunc est omnibus rebus nuda, quia ipsa est sine esse, ubi ipsa erat, antequam esset. Et ideo habet a Deo id quod habet; et est id quod Deus est per mutationem amoris, in illo puncto in quo erat, antequam a Deis bonitatem fluxisset” (PORETE, 1986, p. 399). Como nos esclarece a tradutora da edição brasileira: “Aqui o texto em francês é interrompido e fornecido no inglês antigo e no latim” (SCHWARTZ, 2008, p. 224, nota 26). Optamos por reproduzir o passo em latim.

Esse uno é, conforme Marguerite, “quando a Alma é recolocada naquela Deidade simples, que é um Ser simples de fruição transbordante, na plenitude do saber sem sentimento, acima do pensamento” (PORETE, 2008, p. 227)³².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste aniquilamento não há intermediários, imagens, formas, limites e nem propriedades; nós não nos pertencemos. As almas aniquiladas são um com a deidade, ou melhor, elas são nada no uno. Neste sentido, como escreve Marguerite: “Ela não retém mais nada em si, no seu próprio nada, pois isso lhe basta, ou seja, Ele é e ela não é. Portanto, ela está despojada de todas as coisas, pois está sem ser, lá onde estava antes de ser”. (PORETE, 2008, p. 225)³³. O despojamento é a imagem sem imagem da alma aniquilada e isso, como um espelho, reflete-se tanto na forma quanto no conteúdo do texto poretiano. Deste modo, despojar-se de tudo é como abrir um espaço vazio na alma, sem intermediários, para que Deus ali se coloque – nem mais, nem menos. Neste sentido, vazio e plenitude não são contraditórios; são uma e a mesma coisa, pois, como nos diz Marguerite num determinado passo do seu texto, ela não tem nenhum entendimento, pois pensar de nada lhe vale, nem obra e nem eloquência.

De qualquer modo, mesmo acima do pensamento, ou seja, no nada querer, no nada fazer, no nada dizer, Marguerite diz o indizível e o diz, também, à maneira de um despojamento. Nela a escrita vem em seu socorro: ao escrever ela se esvazia e, ao se esvaziar, desnuda igualmente a sua linguagem, permitindo que o indizível ali faça a sua morada e, neste sentido, não só seu texto, mas também sua alma se torna espelho cristalino, reflexo do divino. Neste reflexo a alma retorna **ao que era**

³² “[...] quant l’Alme est remise en celle simple Deité, qui est ung simple Estre d’espandue fruction, en plain savoir, sans sentement, dessus la pensee.” (PORETE, 1986, p. 400-402). Estes dois últimos parágrafos retomam o que está no nosso artigo *Negação e aniquilação em Marguerite Porete e Mestre Eckhart*. In: **Princípios**, Natal, v. 22, n. 37, p. 11-29, jan./abr. 2015.

³³ “Ipsa nichil plus retinuit in nichilo sui ipsius quia istud est sibi satis, scilicet quod Ipse est et ipsa non est. Tunc est omnibus rebus nuda, quia ipsa est sine esse, ubi ipsa erat, antequam esset” (PORETE, 1986, p. 397). Idem à observação da nota 31.

antes de ser e, por condição do Amor, transforma-se em Deus (cf. PORETE, 2008, p. 65). Ao se tornar espelho de Deus, Marguerite travou e, segundo ela mesma, venceu a luta contra todos os poderes, superando a religião da Igreja (a pequena) e assumindo a natureza das Almas Aniquiladas, como podemos ler já no final do seu livro:

Tal Alma professa a sua religião e obedece às suas regras. Qual é a sua regra? É que ela seja reconduzida pela aniquilação ao estado inicial, onde o Amor a recebeu. Ela passou no exame de sua provação e venceu a guerra contra todos os poderes (PORETE, 2008, p. 226)³⁴.

³⁴ “Talis est in sua religione professa et impleuit regulam suam. Quae est regula sua? Hoc est quod uidelicet resoluatur per adnichilationem in illud primum esse, ubi amor acceperat eam. Ipsa enim transiuit examen suae probationis et deuicit guerras omnium potentiarum.” (PORETE, 1986, p. 401).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. S. **Uma voz feminina calada pela Inquisição**. São Paulo: Hagnos, 2011.
- CIRLOT, V.; GARÍ, B. **La mirada interior**: escritoras místicas y visionarias em La edad media. Barcelona: M. Roca, 1999.
- DEPLAGNE, L. E. de F. C.; POSSEBON, F. (Org.). Espelho da literatura, reflexo do sagrado: reflexões filosóficas sobre a mística de Marguerite Porete. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA PARAÍBA, 2., 2012, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012. p. 127-135.
- GUARNIERI, R. **Donne e Chiesa tra mística e istituzioni (secoli XIII-XV)**. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2004.
- MARIANI, C. B. A loucura da fé. **Cult**, São Paulo, n. 64, jan. 2003. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-loucura-da-fe>>. Acesso em: 5 jun. 2011.
- _____. Marguerite Porete: a alma entre aniquilamento e nobreza. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 385, p. 57-65, dez. 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4286&secao=385>. Acesso em: 16 nov. 2016.
- _____. Mística e teologia: desafios contemporâneos e contribuições. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 33, p. 260-380, set./dez. 2009.
- NOGUEIRA, M. S. M. Negação e aniquilamento em Marguerite Porete e mestre Eckhart. **Princípios**, Natal, v. 22, n. 37, p. 11-29, jan./abr. 2015.
- PORETE, M. **Le Mirouer des Simples Âmes**. Turnhout: Brepols, 1986.
- _____. **O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor**. Tradução e notas de Sílvia Schwartz. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SCHWARTZ, S. Marguerite Porete: mística, apofatismo e tradição de resistência. **Numem**: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 109-126, jul./dez. 2003.
- _____. Marguerite Porete e a “teologia” do feminino divino. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 385, p. 63-68, dez. 2011.
- TEIXEIRA, F. Apresentação de O espelho. In: PORETE, M. **O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-29.
- VANEIGEM, R. **La Résistance au christianisme**: les hérésies, des origines au XVIIIe siècle. Paris: Fayard, 1993. Disponível em: <<http://www.notbored.org/resistance.html>>. Acesso em: 16 nov. 2016.